

RODAS DE HISTÓRIA: estratégias utilizadas por uma professora de Educação Infantil II

Maria Helena Santos Severo¹

Elaine Cristina Nascimento da Silva²

RESUMO: A leitura, além de aguçar a curiosidade, desperta a imaginação, a criatividade e o desenvolvimento cognitivo. A aprendizagem da leitura acontece na escola através de atividades sistemáticas elaboradas pelo(a) professor(a). Uma dessas atividades são as rodas de história aplicadas na Educação Infantil, que auxiliam o ensino e a aprendizagem da leitura. Para tal, é necessário que o(a) professor(a) compreenda e aplique as estratégias de leitura recomendadas. Por essa razão, nos propomos a investigar como é realizado o trabalho com a leitura nas rodas de história na Educação Infantil. Para tanto, buscamos: Identificar as habilidades de leitura exploradas; Distinguir as estratégias de leitura utilizadas; Analisar os textos escolhidos pela professora para ler nas rodas de história; Analisar a mediação da professora durante as rodas de história. Foram realizadas cinco observações de rodas de leitura em uma turma da Educação Infantil II e uma entrevista com a docente, ambas áudio-gravadas e transcritas. Os resultados obtidos nos fizeram perceber, inicialmente, que a professora realiza rodas de leitura diariamente. Identificamos também que a mesma não aplicou todas as estratégias de leitura necessárias nas rodas de história, mas as utilizadas foram de grande valia, proporcionando à hora da leitura um momento de lazer, aprendizagem e interação. Além disso, identificamos que a professora utilizava os três momentos de leitura: o antes, o durante e o depois, provocando, assim, a atenção dos alunos e auxiliando na compreensão do texto. Compreendemos com o estudo do referencial teórico e a análise dos dados que é imprescindível o uso de diferentes estratégias de leitura para estimular o aluno a ouvir, compreender e argumentar o que está sendo lido.

Palavras-chave: Rodas de História. Educação Infantil. Estratégias de Leitura.

1. INTRODUÇÃO

A prática da leitura “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. É o que esclarece Freire (1989, p. 9) em um de seus estudos. Ou seja, a partir das discussões realizadas em uma leitura, as crianças já são levadas a refletir sobre o mundo, começando a construir a sua visão crítica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (BRASIL, 2001, p. 57) dizem que “A leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta

¹ Aluna graduanda em Licenciatura em Pedagogia – UFRPE/ Unidade Acadêmica de Garanhuns.

² Professora assistente do Curso de Pedagogia – UFRPE/ Unidade Acadêmica de Garanhuns.

a um objetivo, a uma necessidade pessoal”. A leitura é uma ferramenta precisa no processo de ensino-aprendizagem. Ela é a responsável pelo desenvolvimento cognitivo e social dos indivíduos. Por isso, é fundamental que o professor incentive nas crianças o hábito de ler.

É importante trabalhar com leituras de livros de histórias desde as séries iniciais para desenvolver nas crianças seus gostos e habilidades. Através da contação de histórias, a imaginação é despertada e as crianças começam a desenvolver o pensamento e a argumentação.

Apresentar a leitura de maneira lúdica tem grande relevância no ambiente escolar, tornando-se uma atividade atraente e prazerosa. Para tanto, é importante apresentar leituras ligadas à prática cotidiana dos estudantes para que eles percebam que muito do que está presente nos textos não se distancia de suas rotinas.

Segundo Cramer e Castle (2001, p. 107), “o objetivo básico do professor em incentivar a leitura deve esforçar-se para tornar a leitura uma atividade útil, valiosa e desejável”. Sendo assim, a leitura obrigatória não tem bons resultados e torna os alunos desinteressados. Por essa razão, é crucial compreender a importância da metodologia usada pelo educador, pois ele é o principal agente nesse processo da leitura.

Freire (1989, p. 18) afirma que, “desde o começo, na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas”. É preciso mostrar aos alunos a necessidade de compreender o mundo, as relações sociais a sua volta e a interação com o meio. É essencial conhecer o novo, ampliar os conhecimentos já existentes e analisar a realidade em suas distintas dimensões. Aí está o papel do educador: mostrar essa reflexão para os alunos a fim de torná-los pensantes e críticos sobre a realidade em que vivem.

A leitura de livros de histórias é uma ótima escolha para trabalhar com a perspectiva de contextualização de escola e sociedade, de visão crítica e criação do novo. Esse tipo de leitura nos permite ter uma vasta lista de opções de textos dinâmicos, dentre eles, gibis, histórias infantis, fábulas, contos, etc. através dos quais os alunos têm oportunidade de pensar sobre, reinventar e construir seu próprio raciocínio. O uso de tais textos em sala de aula pode deixar transparecer ao aluno que a escola não é um lugar apenas para receber informações, mas também é um espaço para levar conceitos, visões de mundo e exemplos de vida cotidiana.

A escolha deste tema decorre em virtude da importância da leitura, especialmente nas séries iniciais, tendo em vista que é o período de desenvolvimento da criticidade dos alunos. A leitura, além de aguçar a capacidade argumentativa, desperta emoções, descobertas, clareza e percepção da vida e do mundo. Sendo assim, é desenvolvido (de maneira simples e eficaz) um dos princípios da educação: formar cidadãos críticos.

Sempre compreendi a leitura como sendo um método eficaz no auxílio da aprendizagem, principalmente por desenvolver a argumentação. Aprimorei o interesse por literatura infantil através das leituras deleites, realizadas com livros infantis pelas professoras de Metodologia de Língua Portuguesa I e Estágio Curricular I, do Curso de Licenciatura em Pedagogia. A partir destas leituras, percebi como a contação de histórias pode auxiliar no desenvolvimento argumentativo das crianças. É nessa perspectiva que consiste a principal questão desta pesquisa: Que estratégias utilizar para trabalhar a leitura nas séries iniciais?

Por este ângulo, o presente trabalho tem por objetivo geral investigar quais estratégias uma professora da educação infantil II utiliza nas rodas de história. Além disso, tem como objetivos específicos: a) Identificar as habilidades de leitura exploradas; b) Distinguir as estratégias de leitura utilizadas; c) Analisar os textos escolhidos pela professora para ler nas rodas de história; d) Analisar a mediação da professora durante as rodas de história.

Para tanto, observamos cinco rodas de leitura realizadas por uma docente de uma Creche Municipal de Garanhuns-PE em uma turma da Educação Infantil II, bem como realizamos uma entrevista com esta mesma docente. Acreditamos que o trabalho apresentado seja de grande valia, visto que a leitura é uma das principais ferramentas para o ensino e aprendizagem e a contação de histórias é uma prática pedagógica eficaz nesse processo. Além disso, é fundamental o educador tomar conhecimento do seu papel enquanto incentivador da leitura e mediador do debate.

Nos tópicos seguintes iremos discutir, inicialmente, sobre o referencial teórico do trabalho, destacando as concepções e práticas da leitura e os principais atributos e aportes das rodas de história na Educação Infantil. Em seguida, vamos apresentar a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, os resultados encontrados, as considerações finais e as referências.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LEITURA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

A leitura é uma prática necessária para conviver na sociedade. Através da leitura, há a construção de conhecimentos, desenvolvimento da criatividade, auxílio na escrita, dentre tantas outras habilidades. A leitura se dá a partir de variados processos. Neste trabalho, discutiremos sobre algumas concepções, habilidades e estratégias de leitura.

Colomer e Camps (2002) trazem uma das concepções sobre a leitura existentes na atualidade escolar: leitura como decodificação. As autoras enfatizam que os textos, dentro desta concepção, são utilizados na escola não com a finalidade de compreensão e interpretação, mas sim como instrumento metodológico para estudar algo específico, como determinadas letras, sílabas, etc. É o que destaca Kleiman (2004, apud BARBOSA E SOUZA, 2006, p.14):

Leitura como decodificação dos signos verbais dispostos no tecido superficial do texto. Nessa concepção, o leitor encontra-se à margem do processo da leitura, alheio ao sentido do que ele lê, uma vez que, preso aos sinais mais visíveis do texto, nem desconfia que ali pode encontrar uma rede de significações até então inauditas. Em um primeiro momento, lê-se para decodificar letras; em outro, para copiar palavras, frases, sublinhar ditongos, dígrafos, etc.

Nesse tipo de leitura não há uma interação aprofundada entre leitor/autor/texto, pois seu foco é que o leitor faça uma boa leitura seguindo a gramática-padrão. Ou seja, é uma leitura voltada para a decodificação de palavras e frases e a interpretação é feita palavra por palavra. Assim, o leitor não tem autonomia para ressignificar as informações contidas no texto, apenas segue o que está sendo proposto e lê para apontar respostas específicas e superficiais, não havendo uma compreensão ou reflexão aprofundada. Nesta concepção de leitura como decodificação, os textos são utilizados como recursos didáticos centrados em conteúdos específicos, como identificação de palavras e decifração de textos, por exemplo, como se ler fosse apenas buscar informações delimitadas em um texto, e o leitor não tem liberdade para discordar, argumentar e criar sentidos. Com essa concepção de leitura, o aluno compreende que ler é apenas decodificar símbolos e não estabelecer significados.

Ao contrário disto, concordamos com a concepção de leitura interativa, a qual Solé (1998, p. 23) defende quando explica que “a leitura sempre envolve a compreensão do texto escrito”. Para tanto, ler não é apenas decodificar as palavras presentes, mas construir significado para o que está escrito. É uma interação entre o leitor e o texto. É através da leitura significativa que o aluno constrói/reconstrói o saber.

De acordo com esta concepção e segundo Solé (1998), a leitura deve ser guiada por um objetivo para que não seja uma prática sem finalidade. A autora afirma que traçar objetivos para a leitura é um requisito importante para o ensino da leitura e compreensão, pois ler sem delimitar os fins não proporciona a aprendizagem dos alunos e os mesmos não percebem a importância da leitura, para que serve e etc.

Não só o conhecimento que o professor leva para a sala de aula é necessário. Os alunos também podem e devem colaborar com a troca de experiências. Colomer e Camps (2002, p. 31) esclarecem que “o que o leitor vê no texto e o que ele mesmo traz são dois subprocessos simultâneos e em estreita interdependência”. Solé (1998, p. 23) fundamenta:

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, a que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas.

Essas afirmações significam que, para obter sentidos em uma leitura, é necessário tanto analisar os elementos presentes no texto como utilizar os conhecimentos prévios do leitor, pois este conhecimento que o leitor já possui facilita na compreensão do texto. Segundo as autoras, a esse tipo de leitura dá-se o nome de leitura interativa, na qual o leitor é considerado ativo, tendo em vista que busca de diversas formas compreender um texto. Segundo Solé (1998, p. 40), um leitor ativo “processa e atribui significado àquilo que está escrito em uma página”. A leitura interativa, como o próprio nome já menciona, é uma leitura em que há interação entre o leitor e o texto. Colomer e Camps (2002, p. 56) destacam que “quanto mais

conhecimentos o leitor acrescenta, mais fácil será compreender o texto. Inclusive, se pode chegar a um ponto em que o texto não tenha nenhum interesse, porque tudo é previsível para o leitor”.

Para isso, os alunos devem ser estimulados desde a pré-escola a compreender o contexto da leitura. Para construir significado a partir dos conhecimentos prévios, é necessário também que haja um equilíbrio entre dois extremos: a leitura não deve ser totalmente sobre conhecimentos que os alunos já sabem nem sobre conteúdos distantes do que eles conhecem ou vivenciam. É necessário manter o equilíbrio para que os alunos tenham interesse em participar da leitura (pelo fato do material ter relação com o meio em que estão inseridos), mas também é necessário que tomem conhecimento sobre outras culturas.

Colomer e Camps (2002) relatam que para construir significados mediante a leitura é necessário passar por um processo resumido em três momentos: o leitor elabora hipóteses; em seguida, verifica-as por meio das conseguintes leituras; e, por fim, há uma assimilação para analisar se as informações presentes no texto condizem com a interpretação inicial do leitor e com suas inferências.

Brandão (2006, p. 65-67) acrescenta mais quatro estratégias, não menos importantes que as anteriores, para serem utilizadas em práticas de leitura. São elas: “Selecionar informações do texto, antecipar sentidos do texto, elaborar inferências e avaliar e controlar a compreensão do texto”. Ao traçar os objetivos da leitura, o leitor já tem em mente quais as informações que precisa extrair do texto. Para isso, deverá estar atento aos dados importantes do que está sendo lido para utilizá-los. A estratégia antecipar sentidos antes e durante a leitura está interligada aos conhecimentos prévios que o leitor vai aplicar a partir do que está sendo lido, elaborando hipóteses que vão ser constatadas ou não no final da leitura. Ao ler um texto, o leitor usa as informações presentes para criar suas próprias interpretações e conclusões, elaborando, assim, inferências. Por fim, a estratégia de controlar e avaliar informações é o mesmo que verificar as inferências que o leitor tinha feito ao longo do texto, ou seja, se as mesmas foram comprovadas ao final da leitura ou se foram descartadas, alteradas ou se foram construídas novas conclusões no decorrer da leitura. Para isso, o leitor faz uma reflexão sobre sua interpretação inicial.

Para realizar as estratégias mencionadas anteriormente, é importante que haja uma diversidade textual nas leituras a fim de que os alunos tenham acesso aos

diferentes tipos de textos. A esse respeito, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (1998, p. 128) salienta que:

A aprendizagem da linguagem escrita está intrinsecamente associada ao contato com textos diversos, para que as crianças possam construir sua capacidade de ler, às práticas de escrita, para que as crianças possam desenvolver a capacidade de escrever autonomamente. A observação e a análise de produções escritas revelam que elas tomam consciência, gradativamente, das características formais dessa linguagem.

A escolha dos livros ou textos a serem trabalhados pelos alunos é de suma relevância no processo da leitura, porque é através deles que os alunos vão sentir-se estimulados ou não a ler e a construir significados. Para isso, o(a) professor(a) deve ser criterioso(a) na escolha, selecionando leituras que abordem temáticas interessantes para os alunos, leituras que façam parte do meio em que estão inseridos, leituras que provoquem a curiosidade e a criação de hipóteses, dentre outras. É o que defende Brandão (2006, p. 69), ao salientar que “as estratégias devem ser aprendidas em uso, em situações de leituras concretas, que, por sua vez, deveriam estar inseridas em contextos comunicativos significativos, propostos pelo professor”.

As estratégias de leitura são indispensáveis para a prática da leitura, uma vez que é a partir delas que os alunos irão desenvolver a aprendizagem da leitura. Porém, antes de a criança aprender a ler e a escrever, é fundamental que ela esteja inserida em um meio em que haja hábitos de leitura e escrita. Por esse motivo, a leitura deleite aplicada na maioria das escolas, nas turmas iniciais, é de grande importância para o desenvolvimento da leitura da criança. Um dos propósitos das atividades com leitura deve ser a familiarização das leituras discutidas com o meio sociocultural em que os alunos estão inseridos. Para tal, é crucial que o(a) professor(a) apresente as partes principais da leitura, ou seja, qual é o objetivo da leitura, qual a sua função, onde foi produzida, dentre outras informações.

Tendo compreendido quais são as estratégias de leitura que devem ser utilizadas na prática em sala de aula, discutiremos, no item a seguir, sobre a importância e as principais características das rodas de história especificamente na Educação Infantil.

2.2 AS RODAS DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Há uma disposição precoce das crianças em participar das rodas de história, como ressalta o RCNEI (1998, p. 135): “As crianças, desde muito pequenas, podem construir uma relação prazerosa com a leitura”. Para tanto, é necessário que o(a) educador(a) ensine para elas o que é uma roda de história, para que serve e como acontece.

As rodas de história na Educação Infantil possibilitam a interação dos alunos tanto com o(a) professor(a) como com os demais alunos. Elas provocam a comunicação das crianças, uma vez que as histórias contadas despertam a imaginação, motivando a atenção e a participação, e através delas as crianças tendem a falar sobre o assunto, demonstrar, argumentar, etc. Por meio da participação das crianças nas rodas de história, vários desenvolvimentos de aprendizagem são estimulados. Estudos como o de Rego (1988, apud NASCIMENTO, 2012) apontam que crianças participantes de rodas de história nos anos iniciais da escolarização têm um melhor desenvolvimento no ensino fundamental com a linguagem oral e escrita. O RCNEI (1998, p. 135) também ressalta este aspecto, ao argumentar que “a leitura pelo professor de textos escritos, em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças [...] fornece às crianças um repertório rico em oralidade e em sua relação com a escrita”.

Já Brandão e Rosa (2010) salientam que os conhecimentos adquiridos pelos alunos participantes das rodas de história são mais variados do que os conhecimentos de crianças que não têm contato com a leitura deleite. Nascimento (2012, p. 29) também apresenta motivos para a roda de história ser uma forte aliada no desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças na Educação Infantil:

Ao considerarmos a roda de história uma atividade constituinte de um ambiente linguístico desafiador, acreditamos que esse evento de leitura contribui significativamente para ampliação das experiências de letramento das crianças, estimulando sua participação em diferentes práticas de uso social da linguagem, bem como sua interação com diferentes portadores textuais.

As crianças que participam frequentemente de leituras deleites têm mais facilidade na aprendizagem da linguagem oral e escrita, pois têm o contato direto com diversos textos, aprendem novas palavras, têm curiosidade para saber o que a

professora está lendo no papel, dão sentidos à leitura, sistematizam ideias, argumentam opiniões, relatam fatos, dentre outros desenvolvimentos ligados às linguagens.

Diante de todos os proveitos das rodas de história aqui mencionados, compactuamos com a ideia de estas devem ser atividades permanentes na Educação Infantil, já que, além de ser uma atividade prazerosa, auxilia em diversos processos de aprendizagem.

Para compreendermos melhor as características das rodas de história, discutiremos a seguir algumas das suas especificidades na educação infantil. As rodas de história podem ser realizadas por diversos motivos, dentre eles, Nascimento (2012, p. 25) aponta:

A professora pode ler ou contar uma história na roda para estimular o prazer da leitura e o desejo de aprender a ler, para discutir sobre um tema ou texto lido com vistas a desenvolver a compreensão e o senso crítico das crianças, ou pode ler uma história para ampliar o conhecimento e as possibilidades de reflexão das crianças sobre determinado tema, foco de interesse do grupo, entre outras finalidades.

Através das rodas de história, o(a) professor(a) tem uma variedade de possibilidades para trabalhar com diferentes temas de maneira prática e significativa. Para isso, é fundamental que haja um planejamento por parte do(a) professor(a) para as rodas de história. Assim, o(a) mesmo(a) deve planejar as rodas com o propósito dos alunos prestarem atenção, participarem, compreenderem a leitura e desenvolverem habilidades na aprendizagem das linguagens oral e escrita.

Brandão e Rosa (2010, p. 35) destacam, ainda, que “as crianças precisam aprender sobre o que é fazer parte de uma roda de histórias para que sejam participantes ativas dessa atividade”. Ou seja, ouvir histórias em grupo não é uma conduta natural para a criança, mas algo que precisa ser ensinado. Por isso, também deve fazer parte do planejamento do(a) professor(a) a fim de que os alunos participem de maneira significativa desta atividade, sabendo o sentido e a importância das leituras.

As autoras Brandão e Rosa (2010, p. 43 e 44) ressaltam outro aspecto importante para o planejamento da leitura: as perguntas. A esse respeito, enfatizam que:

A ideia é contribuir para seu engajamento numa atividade de construção de sentido que pode ser compartilhado, confrontado ou ampliado com base em outros sentidos igualmente construídos e expressos na conversa sobre o texto lido na roda. Dessa forma, o desafio é formular perguntas que façam as crianças pensarem sobre o texto, se posicionarem, quando for o caso, olhar sob um ângulo novo um evento narrado, confrontar diferentes maneiras de interpretar em evento, um personagem.

Através das perguntas realizadas pelo(a) professor(a), a criança é levada a fazer uma reflexão aprofundada, pensando mais sobre as questões postas. Além disso, diante das respostas dos demais alunos, tendem a argumentar suas opiniões, desenvolvendo, assim, o seu ponto de vista sobre o tema abordado e influenciando, conseqüentemente, a sua visão crítica. A partir dessa mediação, o(a) professor(a) está seguindo uma das orientações propostas pelo RCNEI (1998, p. 137) para desenvolver a linguagem oral das crianças: “Participação em situações que envolvem a necessidade de explicar e argumentar suas idéias e pontos de vista”.

O primeiro contato com as rodas de história acontece, geralmente, na escola, na qual o(a) professor(a) é o(a) responsável por mediar a leitura. A esse respeito, Corsino (2010, p. 186) esclarece:

A mediação do adulto é o ponto-chave das primeiras leituras. É ele quem organiza o ambiente e quem empresta sua voz ao texto. Seus gestos, entonações, intervenções e até mesmo as traduções alteram a obra e revelam o que e como a criança deve ler.

Por esse motivo, a mediação do(a) docente é tão importante nas rodas de história, e ela só acontece com qualidade quando há um planejamento bem elaborado. Brandão e Rosa (2010, p.36) afirmam também que “o contato das crianças com a história é mediado pela voz da professora”. Esse é outro tópico muito importante na mediação das rodas de histórias: a leitura do(a) professor(a) em voz alta. Essa atividade constrói uma relação entre professor e aluno através da linguagem. As autoras enfatizam que as principais relevâncias da leitura em voz alta é o fato de as crianças compreenderem o significado da leitura e entenderem que no papel que a professora está lendo tem informações e há comunicação.

Compreendemos e concordamos que a contação de histórias é um instrumento metodológico de grande valia na sala de aula, tendo em vista que os alunos discutem sobre os mais diversos assuntos e desenvolvem várias

aprendizagens durante as rodas. Mas, o que é recomendado ler para alunos da Educação Infantil?

De acordo com Brandão (2006, p. 60), “na educação infantil, quando as crianças ainda não leem convencionalmente, é essencial estimular uma postura de busca e elaboração de significados diante dos textos que circulam na escola”. É necessário que o(a) docente busque ler textos que levem os alunos a sentir-se atraídos, textos que tenham verdadeiros significados para eles, que façam parte do seu convívio social. A partir disso, as rodas de história ficam mais atrativas, estimulando os alunos a participarem. Para isso, recomenda-se que o(a) professor(a) insira nas práticas do dia a dia em sala de aula o uso de diferentes textos para as crianças começarem a construir sentido diante da leitura. É o que salienta Nascimento (2012, p. 21), ao defender que “é essencial, portanto, que a criança tenha acesso a um acervo de boa qualidade, ou seja, livros interessantes com textos bem escritos e bem cuidados em termos gráfico-editoriais”, isto é, textos com uma linguagem de fácil compreensão, livros com ilustrações, textos com assuntos que chamem a atenção dos alunos, dentre outros.

Defendemos nesse trabalho a importância das rodas de leitura na Educação Infantil e a concepção de leitura interativa para que os alunos aprendam que ler não é apenas decodificar signos, mas que, além disso, a leitura é criar sentidos. Para tal, é necessário que o(a) educador(a) elabore um planejamento de leitura utilizando as estratégias indicadas pelos autores aqui mencionados. No próximo item, apresentamos o tipo de pesquisa adotado e os procedimentos metodológicos utilizados para obtenção dos dados apresentados e discutidos posteriormente.

3. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos elencados na introdução deste trabalho, realizamos uma pesquisa de campo. A pesquisa de campo, segundo Gil (2008), busca o aprofundamento de uma realidade específica, realiza-se por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com os sujeitos para obter explicações do que ocorre naquela realidade.

Além de pesquisa de campo, também pode ser caracterizada como qualitativa. De acordo com Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa tem como características principais o trabalho intensivo no campo, a naturalidade e a grande

quantidade de descrição nos dados coletados. A fim de desenvolver os objetivos da pesquisa utilizamos como instrumentos de coleta de dados a observação e a entrevista.

De acordo com Ludke e André (1986, p. 26), “a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens”. Realizamos a observação para analisar a prática de rodas de história planejadas pela professora e verificar se a mesma trabalha com estratégias de leitura e quais são elas.

Ludke e André (1986, p. 34) fundamentam que a entrevista “permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Utilizamos a entrevista para obter melhores explicações sobre o que ocorre naquela realidade.

O sujeito da pesquisa foi a professora regente de uma turma de Infantil II, composta por doze alunos, com idades entre quatro e cinco anos, de uma Creche Municipal de Garanhuns-PE. A docente da turma tem mais de dez anos de experiência em educação, especificamente em Ensino Fundamental I e II, sendo seu segundo ano na Educação Infantil. É formada em História e tem especialização em Psicopedagogia. A turma que fez parte da pesquisa era composta por onze alunos com faixa etária entre quatro e cinco anos.

O critério de escolha para a pesquisa foi um(a) docente que trabalhasse em sala de aula frequentemente com rodas de história. A partir desse aspecto nos foi indicada uma professora de uma determinada creche do município, tendo em vista que alguns colegas de curso realizaram um estágio na turma desta docente e presenciaram as rodas de história realizadas por ela.

Seguindo questões éticas da pesquisa, omitimos os nomes dos alunos, da professora e da creche, e a direção da creche e a professora assinaram termos de compromisso, concordando em participar da pesquisa. Como esclarece Flick (2013, p. 209), “deve ser evidente que os estudos devem, em geral, envolver apenas pessoas que: a) tenham sido informadas; b) estejam participando voluntariamente”.

Realizamos a coleta de dados da seguinte maneira: Fizemos cinco observações de rodas de história, observamos apenas os momentos de leitura, não presenciamos a aula inteira. As rodas de história observadas duraram em média 18 a 20 minutos. O intervalo de uma observação para outra foi em média 20 dias. No primeiro contato com a professora, a mesma deixou claro que fazia leituras deleite

todos os dias, mas alertou que as observações deveriam ser feitas quando ela avisasse previamente a data em que poderíamos ir, pois era uma professora que permitia muitos estagiários e estudantes fazendo pesquisas em sua turma, então, solicitava a observação nos dias em que não teria outra visita presente. Já a entrevista foi aplicada na creche no dia 26/04/2018 (alguns meses depois das observações) devido a problemas pessoais que a professora estava vivenciando no período. Fizemos, então, as seguintes perguntas:

1. Qual a sua formação (Você fez graduação? Em que? Onde? Quando? Você fez alguma pós-graduação? Em que? Onde? Quando?)?
2. Há quanto tempo leciona? E especificamente em escola pública? E especificamente na Educação Infantil?
3. O que você entende por leitura?
4. Quais são as estratégias de leitura que você utiliza na contação de histórias?
5. A creche disponibiliza material para as atividades voltadas à contação de histórias? Quais são estes materiais? Eles são de qualidade? São suficientes? São diversificados? Que materiais a creche não disponibiliza e que você mais sente falta de ter? Como faz para suprir a falta desses materiais?
6. Que critérios você utiliza para escolher o livro que será usado nas contações de história em sua sala de aula?
7. Você procura desenvolver habilidades argumentativas dos alunos a partir da leitura, nas contações de história? Se sim, como?
8. Você faz algum planejamento para as rodas de leitura? Como? Onde? O que costuma contemplar nesse planejamento?
9. Você concorda que a contação de histórias contribui para o desenvolvimento da argumentação dos alunos desde a educação infantil? De que forma? Justifique.

Todas as coletas de dados foram áudio-gravadas e transcritas. A seguir apresentaremos e discutiremos os resultados obtidos nesta pesquisa.

4. RESULTADOS

4.1 A ROTINA DA PROFESSORA DURANTE AS RODAS DE LEITURA E A SUA MEDIAÇÃO

A rotina da professora nas rodas de história era semelhante. As leituras deleites eram realizadas sempre no início da aula. A professora dava início às rodas de leitura sempre chamando os alunos para sentarem em círculo ao redor dela e falava: “Hora da historinha”. Ela iniciava a contação de histórias explorando a capa do livro com os alunos, questionando sobre a opinião deles, mostrando a ilustração e estimulando que tentassem ler o título da história. Após isso, a professora apresentava o(a) autor(a) e o(a) ilustrador(a) da obra. Em seguida, iniciava a leitura sempre com voz alta, com entonação e imitando os sons que apareciam na história, por exemplo, fazendo diferentes vozes dos personagens, alguém batendo na porta, etc. Fazia perguntas durante a leitura, sobre o que estava sendo lido, bem como no final. Ao término da leitura fazia uma pequena reflexão com os alunos sobre a moral da história, comparando algum fato da leitura com a realidade dos alunos e, por fim, fazia uma brincadeira que correspondesse à história.

A professora sempre fazia a leitura sentada no chão com os alunos ao seu redor. O livro ficava voltado para ela, mas, quando terminava de ler cada página, mostrava para os alunos as ilustrações ou, quando fazia perguntas de antecipação de sentidos, mostrava a imagem antes da leitura da página. Não passava o livro de mão em mão, mostrava perto dos alunos a página de uma vez só, para todos, entretanto, mostrava o tempo necessário para os alunos observarem bem as ilustrações. Como eram poucos alunos, eles conseguiam ver. É o que recomenda Corsino (2010, p. 193): “A leitura da ilustração faz parte da leitura da obra como um todo e é necessário dar tempo e espaço para as crianças observarem e se afetarem pelo texto visual”. No final da leitura, a professora deixava o livro disponível para os alunos folhearem.

Antes da leitura a professora fazia perguntas apenas sobre a exploração da capa, por exemplo: “Alguém conhece esse personagem?”, “Essa história vai falar sobre o que? O que vocês acham?”, dentre outras. Durante a leitura a professora realizava, na maioria das vezes, perguntas para antecipar sentidos e perguntas que estavam explícitas no texto. No final da leitura a professora fazia poucas perguntas sobre o texto e realçava perguntas subjetivas e reflexivas, como: “Vocês acharam corretas essas atitudes do rato e do macaco?”, “Vocês gostaram da história?”, “E vocês como devem se comportar?”, “Pode deixar os colegas fora da brincadeira?”,

entre outras. Dessa forma, seguia os três momentos de leitura defendidos por Solé (1998): o antes, o durante e o depois da leitura.

Com relação ao uso de materiais além do livro durante a leitura, o único objeto utilizado para as rodas de leitura pela professora era um pano. Em uma roda o utilizou para os alunos sentarem no chão com ela e, em outra roda, o utilizou para fazer uma “cabana” para todos ficarem embaixo durante a leitura. Em uma roda de leitura específica a professora levou dois balões e uma caixa para fazer uma brincadeira no final da leitura, mas, infelizmente, os balões estavam furados.

No decorrer da contação, a professora buscava envolver todos os alunos fazendo perguntas durante a história e, quando algum aluno se dispersava, ela os chamava pelo nome, por exemplo: “O que será que eles fizeram com a gaivota, Lara?”. A interação entre a turma acontecia a partir das perguntas realizadas pela professora. Quando um aluno respondia, outros também expressavam suas opiniões, seguindo, dessa maneira, o que propõe o RCNEI (1998) sobre as rodas de história ao salientar que as rodas proporcionam a troca de informações, o que amplia a interação do grupo e auxilia na aprendizagem.

Percebemos que a mediação da professora nas rodas de leitura era sempre a mesma. A docente proporcionava uma boa roda de leitura, contudo, sentimos falta do uso de outros materiais, como adereços para a contação de história, o que deixaria a atividade mais dinâmica e atrativa. A professora nos relatou que, todos os dias, proporciona à turma rodas de leitura, o que é fundamental para a aprendizagem das crianças. Como defende Brandão e Rosa (2010), a leitura deleite é indispensável para o desenvolvimento de diversas habilidades, dentre elas a linguagem oral e escrita.

As rodas de leitura praticadas pela professora apresentavam diversas finalidades, como: atividade para promover um momento de lazer, atividade para trabalhar determinado tema e atividade para estimular o senso crítico das crianças a partir da moral da história. Verificamos sempre leitura em voz alta da professora durante as rodas de história, o que é crucial, pois, como salienta Brandão e Rosa (2010), é através dessa mediação que a criança compreende que aquele texto que a professora está lendo tem significados, estimulando, assim, a curiosidade dos alunos e a vontade de aprender a ler. Além disso, os alunos compreendem, observando a entonação da professora, a maneira mais adequada de ler.

4.2 HABILIDADES DE LEITURA EXPLORADAS E ESTRATÉGIAS DE LEITURA UTILIZADAS.

Como estratégias de leitura nas rodas de história, a professora realizava perguntas sobre informações explícitas do texto, conhecimentos prévios, antecipação de sentidos no texto e avaliação e controle da compreensão do texto.

As duas estratégias de leitura mais utilizadas pela professora foram as de selecionar informações explícitas do texto e a de antecipar sentidos no texto. A primeira se dava quando ela realizava perguntas a partir do que estava sendo lido e foram constatadas dezessete perguntas desse tipo, como, por exemplo: “O que aconteceu no início da história?”, “O que aconteceu no fim da história?”, “O que Gabriela fez?”, “Eram quantos cabritinhos?”, dentre outras. Já a de antecipar sentidos no texto diz respeito a elaborar hipóteses com os alunos sobre o que poderia acontecer na história, identificada doze vezes nas leituras. Para garantir essa estratégia, a professora fez perguntas como as seguintes: “Vocês acham que o macaco e o gato são amigos nessa história?”, “Do que será que eles vão brincar?”, “O que vocês acham que vai falar essa historinha?”, “Quem será o Filisteu?”, e etc. As perguntas referentes a estas duas estratégias foram utilizadas pela professora a fim de chamar a atenção dos alunos para o texto, tanto para compreenderem o que estava sendo lido, como para provocar a curiosidade dos alunos em saber o que aconteceria no decorrer da leitura.

Outra estratégia aplicada foi a ativação dos conhecimentos prévios, por meio de perguntas como: “O curupira é protetor de que?”, “Quem é o caipora?”, “O que é birra?”, entre outras. Ao todo, foram feitas sete perguntas para esta estratégia durante as rodas de leitura observadas. Essas perguntas, como destaca Solé (1998), facilitam a compreensão do texto, uma vez que são aplicados conhecimentos já existentes às novas informações.

Outra estratégia utilizada pela professora foi a de avaliar e controlar a compreensão do texto, através dos seguintes questionamentos: “Será que é a história do gato e do rato mesmo?” e “Rita aprendeu a lição?”. Esta estratégia foi empregada apenas duas vezes, fazendo com que os alunos não desenvolvessem suficientemente habilidades de criar inferências e comprová-las ou alterá-las no fim da leitura.

Por sua vez diagnosticamos a ausência de duas estratégias de leitura, são elas: traçar objetivos para a leitura e elaborar inferências. Essa ausência resulta numa roda de leitura mais simplista, uma vez que foram utilizadas, em sua maioria, apenas duas estratégias e houve um desequilíbrio em relação às demais. Entendemos, ainda, que isso pode afetar a aprendizagem dos alunos, fazendo com que eles não compreendam a importância de determinada leitura e o motivo pelo qual está sendo lida. A não aplicabilidade dessas perguntas pode provocar a desmotivação em prestar atenção, a não criação de significados sobre o que está sendo lido e o não desenvolvimento de capacidades de reflexão sobre uma interpretação feita no início da leitura (a partir das informações iniciais) com uma conclusão realizada no término da leitura (com as demais informações do texto).

Destacamos como motivos para a ausência de tais estratégias a falta de variedade de bons livros na creche e a ausência de planejamento para as rodas de leitura por parte da professora, pois a mesma relatou na entrevista que fazia o planejamento através do tema gerador vivenciado na unidade, porém esse planejamento abrangia apenas a escolha de um livro que fizesse parte da temática em seu conteúdo e moral da história, mas não planejava as perguntas a serem feitas para contemplar todas as seis estratégias de leitura.

Questionamos para a professora o que ela entendia sobre leitura e quais as estratégias de leitura utilizadas para as rodas. A esse respeito, ela respondeu:

“Leitura é o passo para iniciar a leitura de mundo deles, a leitura ensina muito como lidar com as situações diárias, com os problemas, estimula a imaginação, enfim”.

Já em relação às estratégias de leitura, ela relatou:

“Perguntas antes da leitura para introduzir a história, perguntas para levantar o questionamento com relação ao que foi lido, ao conteúdo, através de conversa e do uso de materiais”.

A partir dessas duas respostas, pensamos que o entendimento da professora sobre o que é ler interfere na sua mediação das rodas, pois a mesma costuma fazer, ao final da leitura, uma reflexão sobre a história, relacionando-a a realidade dos alunos e provocando uma reflexão sobre a leitura de mundo deles a partir do que foi lido no texto. Observamos, também, que a professora faz perguntas antes, durante e

depois das leituras, porém, as perguntas realizadas pela professora focam mais nos sentidos expressos objetivamente pelo texto, não precisando fazer uma reflexão aprofundada ou debater diferentes ideias.

A esse respeito, Brandão e Rosa (2010, p. 73) enfatizam que “a professora ensina a compreender um texto a partir do momento em que formula perguntas interessantes sobre o mesmo, escuta e reage às respostas das crianças”. Notamos que as estratégias mais utilizadas pela professora (selecionar informações explícitas do texto e antecipar sentidos no texto) são possivelmente as mais fáceis de serem aplicadas numa roda de história, então, supomos que esse seja o motivo para a grande quantidade de perguntas para essas estratégias e a redução ou ausência das demais, o que pode, conseqüentemente, interferir no ensino da compreensão para os alunos.

Outro ponto observado foi a ausência de questionamentos ou introdução pela professora que fizessem os alunos refletir sobre o motivo e a importância de realizar determinada leitura, o que ocasionou a dispersão de alguns alunos. Reiteramos que essa ausência pode ter acontecido pela carência de um planejamento elaborado mais detalhadamente ou mesmo pela falta de conhecimento aprofundado da professora sobre todas as estratégias de leitura.

Observamos, ainda, nas rodas de leitura que a professora aplicava muitas perguntas reflexivas para os alunos e compreendemos que ela realizava esses questionamentos para familiarizar o que estava no texto com o meio sociocultural dos alunos, ou seja, buscava contextualizar o que estava sendo lido com a vivência dos alunos. A seguir, apresentamos uma roda de história observada na pesquisa em que a professora abrangeu a maioria das estratégias de leitura indicadas.

Esta observação foi realizada no dia 11/12/2017. O tema gerador para este mês foi “Os Valores da sociedade (honestidade, verdade, lealdade, etc.)”. Esta roda de leitura teve duração de 15 minutos e a professora utilizou o livro “Rita, não grita!”. Ela deu início à contação da história apresentando a capa do livro e mostrando quem era Rita, a personagem principal da história. Também apresentou o autor e o ilustrador da obra. No início, a professora fez uma pergunta para selecionar informações explícitas do texto: “O que Rita está fazendo?”. Com o intuito de motivar os alunos para a leitura, fez as seguintes perguntas: “Vamos conhecer a historinha?” e “Quem quer conhecer a historinha de Rita?”. Durante a leitura, a professora leu com entonação e, para estimular os conhecimentos prévios dos alunos, perguntou:

“O que é birra?”. A professora fez algumas perguntas subjetivas para estimular a opinião dos alunos, como: “A melhor solução para resolver as coisas é gritar e espernear?” e “Qual a melhor solução?”. Para antecipar sentidos no texto, a professora questionou: “Vocês acham que a Rita vai espernear dessa vez?”, “Será que Rita aprendeu a lição?”. Em seguida, a professora perguntou: “Qual foi a lição?” e “Qual foi a brincadeira que apareceu na história?”, abrangendo a estratégia de leitura selecionar informações explícitas do texto. Ao finalizar a história, a professora fez uma pergunta a fim de estimular a avaliação e o controle da compreensão do texto: “Rita aprendeu a lição?”, uma vez que o foco principal da leitura era o comportamento de Rita. Empregando novamente perguntas de opinião, a professora questionou: “Gritar resolve as coisas?”, “Chorar resolve?”, “O que vocês acharam da história?”, “O que vocês aprenderam com a história?”, “Quem aqui fala gritando?” e “Pode gritar com tudo?”. Para finalizar o momento da roda de leitura e refletir sobre a moral da história, a professora tentou mostrar aos alunos que nos momentos difíceis e nos problemas vivenciados deve-se ter paciência e que para não perder as amizades é necessário não fazer birras.

O RCNEI (1998, p. 141-142) destaca algumas estratégias de leitura a serem utilizadas nas rodas de história:

São inúmeras as estratégias das quais o professor pode lançar mão para enriquecer as atividades de leitura, como comentar previamente o assunto do qual trata o texto; fazer com que as crianças levantem hipóteses sobre o tema a partir do título; oferecer informações que situem a leitura; criar um certo suspense, quando for o caso; lembrar de outros textos conhecidos a partir do texto lido; favorecer a conversa entre as crianças para que possam compartilhar o efeito que a leitura produziu, trocar opiniões e comentários etc.

Nesta roda de história mencionada, pudemos constatar algumas orientações guiadas pelo RCNEI que a professora utilizou, como, por exemplo, a realização de “perguntas para levantar hipótese”, de “perguntas para detectar algumas informações do texto”, de “perguntas com suspense, buscando antecipar sentidos” e de “perguntas de opiniões sobre o texto”.

Identificamos que, mesmo não contemplando todas as estratégias de leitura indicadas pelos autores citados neste trabalho, a professora realiza uma boa roda de leitura, podendo, entretanto, enriquecê-la ao trabalhar também as demais estratégias e, assim, desenvolvê-las com as crianças.

4.3 OS TEXTOS ESCOLHIDOS PELA PROFESSORA PARA LER NAS RODAS DE HISTÓRIA.

Os livros utilizados pela professora para ler durante as rodas de história foram os seguintes: “Curupira, brinca comigo?”, “O lobo e os sete cabritinhos”, “As coisas que a gente fala”, “Boladas e amigos” e “Rita, não grita!”. Identificamos que todos estes textos empregados pela professora são obras da literatura infanto-juvenil, o que é crucial para as rodas de história na Educação Infantil, já que são livros dedicados especialmente às crianças e adolescentes.

Ao questionarmos na entrevista sobre o critério de escolha para os textos a serem utilizados nas rodas de leitura, a professora respondeu que escolhe a partir do tema gerador do mês. Por exemplo: no mês de agosto, estavam vivenciando a temática do folclore, por isso escolheu o livro “Caipora, brinca comigo?”. Dessa maneira, a professora escolhe livros que tenham a ver com o tema gerador.

Percebemos que os livros aplicados nas rodas de leitura, em sua grande maioria, eram muito ilustrados e coloridos sendo, dessa forma, atrativos para as crianças. Os livros também eram pequenos e a linguagem era de fácil compreensão, o que é ideal para a faixa etária das crianças (quatro anos). Por sua vez, os textos não eram curtos, o que possibilita o uso das estratégias de leitura. As letras dos textos eram pequenas, prejudicando a observação das letras pelas crianças ao folhear os livros.

Todavia, a minoria dos livros utilizados pela professora são obras de autores conhecidos na literatura infanto-juvenil, como os livros “As coisas que a gente fala”, de Ruth Rocha, e “Boladas e amigos”, da autora Ana Maria Machado. Essa ausência de textos com autores mais conhecidos acontece, pela falta de diversidade de livros na creche.

Perguntamos para a professora sobre os materiais ofertados pela creche para as rodas de leitura. A esse respeito, ela respondeu que são disponibilizados alguns livros de literatura, mas que nem sempre tem livros sobre determinada temática. Diante disso, a professora, então, traz de casa ou pede emprestado para outros professores. Ela relata ainda a dificuldade da falta de variedade de livros da creche, mas destaca que, os que têm, são de boa qualidade. Nas observações, verificamos que apenas um dos livros utilizados pela professora fazia parte do acervo da creche,

o livro “Boladas e amigos”, sendo os demais de uso pessoal da professora. Em relação a este aspecto, o RCNEI (1998, p. 143) aponta que:

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.

A partir dessa orientação, identificamos nas observações desta pesquisa muitos pontos de convergência entre o trabalho realizado pela professora e os pontos mencionados pelo RCNEI e pelos demais autores citados neste trabalho. Quanto ao RCNEI, podemos destacar alguns pontos utilizados nas rodas de história pela professora, tais como: “uso de rodas de leitura como acesso à literatura”, “leitura em voz alta, com entonação e modificação no tom de voz”, “estímulo à expectativa das crianças, fazendo perguntas de antecipação de sentidos e demonstrando suspense” e “apresentação de ilustrações para os alunos”.

Por fim, constatamos que os livros, em sua maioria, possuem sentidos explícitos, o que interfere na criação de inferências, pois as perguntas que a professora realizou a partir das leituras eram apenas objetivas ou subjetivas, ocasionando respostas curtas e diretas dos alunos. Apesar disso, os livros apresentaram aspectos importantes, como: serem livros de literatura infanto-juvenil, com linguagem de fácil compreensão e adequados para a idade das crianças; as ilustrações chamarem a atenção dos alunos; os textos não serem tão curtos; a professora conseguir aplicar outras estratégias de leitura, como a antecipação de sentidos e a moral da história, as quais condiziam com a reflexão que a professora planejava passar naquela determinada aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve origem a partir do seguinte questionamento: Que estratégias utilizar para trabalhar a leitura nas séries iniciais? Fundamentada nessa questão, investigamos as estratégias de leitura utilizadas nas rodas de história de uma professora da educação infantil II. Para tal, identificamos as habilidades de leitura exploradas; distinguimos as estratégias de leitura utilizadas; analisamos os

textos escolhidos pela professora para ler nas rodas de história; e analisamos a mediação da professora durante as rodas de história através das observações e entrevista.

A Análise dos dados nos permitiu verificar que a professora contava histórias diariamente para as crianças, utilizando com ênfase apenas três estratégias de leitura: antecipar sentidos, selecionar informações do texto e estimular conhecimentos prévios. Além disso, utilizou pouquíssimas vezes a estratégia de análise e controle de inferências, bem como não aplicou a estratégia de elaborar inferências nem a de traçar objetivos para a leitura. A partir disso, percebemos também que a professora planejava para as rodas de história apenas o livro que seria usado, mas que não planejava as estratégias e as perguntas a serem utilizadas.

Identificamos, ainda, que o critério de escolha para os livros partia do tema gerador do mês. Assim, os livros deveriam ter conteúdos que discutissem sobre a temática designada no planejamento anual da creche. A esse respeito, analisamos os livros utilizados e detectamos que os conteúdos neles inseridos não favoreciam o uso de todas as estratégias de leitura. Todavia, também observamos que a professora tentava explorar bem o conteúdo dos livros e aplicava algumas estratégias de leitura que a mesma tinha mais conhecimento.

Constatamos, ainda, o incentivo da professora para que os alunos prestassem atenção nas rodas, participassem e interagissem através das perguntas realizadas por ela, bem como a apresentação do livro para as crianças, lendo com entonação e mostrando todas as ilustrações presentes. A professora realizava frequentemente a exploração da capa do livro com os alunos, apresentando os autores responsáveis pela obra, estimulando a leitura dos alunos e a elaboração de hipóteses.

A docente, por sua vez, proporcionava um ambiente favorável para as rodas de história, organizando a turma em círculo, levando objetos e realizando brincadeiras no final das rodas. Ela buscava a reflexão dos alunos sobre a moral da história lida, contextualizando com a realidade dos alunos.

Diante disso, concluímos que, mesmo com a ausência de algumas estratégias de leitura, a professora realizava boas rodas de leitura, proporcionando momentos prazerosos, o desenvolvimento de habilidades, o estímulo à comunicação e a interação de toda a turma. Todavia, diagnosticamos uma possível falta de

conhecimento da professora sobre algumas estratégias de leitura, o qual pode ocorrer por diversos fatores, dentre eles a ausência desse estudo na sua formação inicial e continuada. Outro aspecto que interfere a mediação da professora durante as rodas de leitura é a falta de variedade de livros na creche.

Por fim, com esta pesquisa, buscamos mostrar a importância de trabalhar rodas de leitura diárias na Educação Infantil e suas estratégias, apresentando os benefícios adquiridos pela leitura para as crianças. Sabemos que este trabalho não esgota a necessidade de novos estudos sobre as estratégias de leitura na Educação Infantil, mas salientamos que é de grande valia para o conhecimento das estratégias de leitura e sua aplicabilidade e para a reflexão das práticas docentes sobre as rodas de leitura na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo; SOUZA, Ivane Pedrosa. Sala de aula: avançando nas concepções de leitura. In:____. **Práticas de leitura no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 11 a 22.

BRANDÃO, Ana. O ensino da compreensão e a formação do leitor: explorando as estratégias de leitura. In: BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo; SOUZA, Ivane Pedrosa. **Práticas de leitura no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 59 a 76.

BRANDÃO, Ana e ROSA, Ester. Entrando na roda: as histórias na educação infantil. In:____. **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 33 a 51.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1ª a 4ª séries. Introdução. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 2001.

COLOMER, Teresa e CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CORSINO, Patrícia. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In:____ PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca e COSSON, Rildo. **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 183 a 204. Coleção Explorando o Ensino. v. 20.

CRAMER, Eugene H. **Incentivando o amor pela leitura**/Eugene H. Cramer e Marrietta Castle; trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**/Uwe Flick; trad. Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam – 23ª ed. São Paulo, Cortez, 1989.

GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **A pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NASCIMENTO, Bárbara. **Argumentação nas rodas de história**: reflexões sobre a mediação docente na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Recife, 2012.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

SOLÉ, Izabel. **Estratégias de leitura**. trad. Cláudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.